

Cinco em Maputo

Solidariedade na paz

Desde a sua primeira reunião que os «cinco» têm vindo a discutir a situação na África Austral. Agora, a região é pela primeira vez a razão de ser de uma Cimeira Extraordinária dos «cinco», o que é um sinal claro das mudanças que se verificam no cone sul do continente.

Texto de Sol Carvalho • Fotos de Kok Nam e Naíta Ussene

Logo após a assinatura do Acordo de Nkomati se começou a falar na eventual realização de uma reunião cimeira dos «cinco». João Bernardo Vieira, Presidente do país coordenador, avistou-se com Aristides Pereira, o Chefe de Estado encarregado de coordenar as acções diplomáticas dos «cinco» para a África Austral e tudo fazia prever que nos princípios do mês passado o encontro se iria realizar.

Mas Angola estava ainda para concluir o que se convencionou chamar o «Compromisso de Lusaka» no qual a África do Sul aceitou em retirar as suas tropas e foi também necessário realizar a visita moçambicana ao mais alto nível ao Zaire e ao Congo onde o Acordo de Nkomati (principalmente no Zaire) foi igualmente tema de discussão.

Estava também em preparação uma reunião da Linha da Frente considerada, a todos os títulos crucial para o desenvolvimento da situação na África Austral.

O encontro foi assim adiado e acabou por se realizar no passado fim-de-semana, no quadro de uma intensa movimentação diplomáti-

ca a que a reunião cimeira dos «cinco» não é alheia.

Internamente, ela segue-se às reuniões do Comité Central e à da Assembleia Popular a cujo encerramento assistiram, pela primeira vez, os chefes de estado visitantes. Também, os deputados assistiram às sessões de abertura e de encerramento da cimeira extraordinária. Tal facto foi consi-

derado de grande importância, principalmente se tomarmos em conta que o Presidente Samora Machel fez, na sessão de abertura, um importante discurso sobre a génese do nacionalismo, o desenvolvimento da luta nos cinco países e também uma análise bastante profunda e completa da origem e evolução do banditismo armado.

O discurso do Presidente moçambicano seguiu-se na sessão de abertura, ao do Chefe do Estado do país coordenador, João Bernardo Vieira, da Guiné-Bissau. O líder guineense explicou o contexto do encontro tendo perguntado a dado passo do seu discurso: **Numa época em que os países in-**





Samora Machel e José Eduardo dos Santos quando recebiam os prolongados aplausos dos participantes à Cimeira e dos deputados da Assembleia Popular

dustrializados se preocupam com a manutenção da paz, quem nos poderia condenar por t a m b é m a reivindicarmos?, e acrescentou logo em seguida: A perpetuação dos nossos princípios ideológicos e das nossas batalhas políticas não implica a estagnação da concepção de novos caminhos.

«Nino» Vieira salientou que a análise da situação internacional feita pelos chefes de estado na IV Cimeira Ordinária de Bissau permanece válida mas no entanto, na África Austral, um vento novo parece alterar o comportamento da racista África do Sul para com alguns dos membros da nossa comunidade.

DISCURSO PRESIDENCIAL

Em resposta, o Presidente Samora Machel fez, como dissemos, um discurso considerado de grande importância para a região e no qual, a situação na África Austral era explicada à luz da evolução do nacionalismo dos «cinco».

Samora Machel lembrou que as primeiras organizações nacionalistas ao nível dos «cinco» tinham reclamado conversações com a potência colonial e que as lutas armadas que depois vieram a ser desencadeadas não tinham representado uma ruptura ou abandono da vontade de dialogar mas sim a alternativa possível (...) perante a intransigência da po-



Os cinco Chefes de Estado na sala onde decorreu o encontro à porta fechada

tência colonial. O mesmo viria a acontecer com a morte de Salazar onde a luta armada teve de continuar pois a escalada de ataques bárbaros e massacres, a internacionalização do conflito pelo envolvimento directo de forças rodesianas e sul-africanas, foi a resposta do caetanismo.

Um outro tema amplamente desenvolvido pelo discurso de Samora Machel foi a correcta definição do inimigo o que permitiu apontar as armas para o alvo correcto. De igual forma os métodos usados pela guerrilha permitiram provar a correcção dessa definição e granjear tanto o apoio das massas como da comunidade

internacional para a causa da independência. A este respeito, o Presidente Samora Machel citou diversos exemplos de acções internacionais comuns aos «cinco» nomeadamente a Conferência de Roma.

Ainda sobre os métodos da guerrilha, o Chefe do Estado moçambicano salientou que ela nunca foi encarada como um instrumento de propaganda ou de agitação de massas razão pela qual recusámos sempre o terrorismo.

O segundo eixo principal do discurso de Samora Machel foi a análise da génese e actuação dos bandidos armados. Samora Machel lembrou que numa primeira fase o inimigo tinha criado grupos especiais dos exércitos coloniais e, depois, havia utilizado essas mesmas pessoas para as re-

organizar de forma a assumirem a aparência de movimentos de resistência. Para o demonstrar, o Presidente Samora Machel recordou que as primeiras acções dos bandidos surgiram no eixo Manica - Chimoio - Beira, precisamente onde se haviam instalado os primeiros centros de treino dos Flechas, GEs e GEPs.

Samora Machel disse: Nas fileiras do banditismo, nos nossos países, não surge um único nome de uma personalidade com um genuíno passado patriótico. Não surge nenhum combatente conseqüente da guerra de libertação. Não surge nenhum militante da clandestinidade, nenhum antigo-

-prisioneiro político do colonial/fascismo.

Analisando o conteúdo da «política» dos bandos armados, o Presidente moçambicano perguntou: Nestes anos de banditismo, que cultura criaram? Que balas foram por eles disparadas que gerassem flores? Samora Machel destacou vários exemplos de criação cultural como prova de uma identidade nacional que a guerrilha criou no seu desenvolvimento e colocou-as em contraposição à cultura dos bandidos armados baseada no consumo da droga e da feiticaria.

É significativo que nenhuma organização política com um mínimo de respeitabilidade, nenhuma organização internacional representativa, nenhum governo, por mais fascista que seja, ouse declarar-se publicamente solidário com estes criminosos — disse, mais adiante, o Presidente Samora Machel.

O discurso do líder moçambicano, que foi por várias vezes, aplaudido, de pé pelos presentes, terminava explicando o contexto histórico em que surgiram o Acordo de Nkomati e o Compromisso de Lusaka.

REUNIÃO A PORTA FECHADA

A seguir aos discursos presidenciais, os chefes de estado e respectivas delegações (essencialmente constituídas por pessoas ligadas à actividade diplomática) dirigiram-se para uma outra sala do Palácio do IV Congresso onde continuaram os seus trabalhos.

Durante duas horas ainda na sexta-feira e depois durante cerca de cinco no sábado de manhã, os chefes de estado ouviram exposições de Samora Machel e José Eduardo dos Santos sobre o percurso percorrido pela diplomacia dos respectivos países até à conclusão dos acordos com a África do Sul.

Recorde-se que na Cimeira de Bissau, já tinha sido anunciado que Moçambique estava em conversações com a África do Sul.

Em Maputo, Samora Machel detalhou o processo das conversações com a África do Sul tendo explicado os diversos passos que foram dados para a conclusão desse acordo.



Silvino da Luz
(à esquerda)
e Maria Amorim,
Ministros
dos Negócios
Estrangeiros
de Cabo Verde
e São Tomé
e Príncipe

Assim fez também o Chefe do Estado angolano em relação ao Compromisso de Lusaka, tendo depois os chefes de estado de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe declarado a sua solidariedade para com as posições moçambicana e angolana.

Os chefes de estado discutiram ainda a situação na África do Sul bem como a luta nacionalista, principalmente no que respeita à identificação do tipo de luta que o povo sul-africano leva a cabo.

O conteúdo das discussões veio a ser reflectido pela declaração final que foi lida pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros cabo-verdiano, Silvino da Luz e pelo discurso de encerramento dos Presidentes Samora Machel e João Bernardo Vieira.

Na declaração, os chefes de estado de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe saudaram as iniciativas angolano-moçambicanas às quais declararam o seu pleno apoio. Eles declararam também o seu apoio à SWAPO e ao ANC que **luta pela democracia, pela justiça social e pela igualdade racial.**

Sobre o Acordo de Nkomati, a declaração referia que ele **contribuirá para a consolidação da independência nacional e para a defesa da revolução moçambicana.**

João Bernardo Vieira fez, em

seguida, um longo e profundo discurso sobre a situação na África Austral tendo dito a determinado passo: **Um «modus vivendi» só terá interesse quando implicar um «modus faciendi» e para isso vão obrar as forças que agora se libertarão da concentração que lhes impunha a hostilidade do regime sul-africano.**

Ele disse, depois: **Os nossos cinco países vão continuar a apoiar firmemente as acções que visem a libertação do Povo sul-africano do odioso regime da África do Sul. Se para tal for necessário consentir mais criatividade e imaginação, somos do desafio.**

No discurso de agradecimento, Samora Machel agradeceu a solidariedade internacionalista manifestada para com Angola e Moçambique tendo realçado os papéis desempenhados por Aristides Pereira como responsável pela diplomacia dos «cinco» em relação à África Austral e por João Bernardo Vieira como Presidente do país coordenador.

Encerrada a Cimeira, os chefes de estado foram obsequiados com um almoço-volante no Palácio Presidencial. Dado o prolongamento da reunião, eles decidiram partir apenas no passado domingo tendo, na noite de sábado, assistido a um filme sobre o Acordo de Nkomati. □